

humanitas



Vol. LXIII
2011

2,1): *proemio, laudatio*, momento de la morte, *exequiae, consolatio*, sistema semântico-sintáctico) (129-190); 7. *La Consolatio ad Liuiam*: texto pluri-isotópico (p. 191-236)».

Digna do maior apreço é a exposição que segue, nas suas linhas gerais, o esquema estabelecido pela retórica clássica, conciliando-a com as mais modernas teorias de análise estilística, poética e semiótica literária (desde Roland Barthes e G. Genette aos teorizadores alemães e formalistas russos, como T. Todorov). Esta orientação, presente nos pressupostos teóricos, ao longo de toda a obra, é sobretudo evidente em «5. Aspecto pragmático (forma exterior)» (p. 111-127) que nota a «Influencia del proceso de los enterramientos en la estrutura formal», e em «6. Dos ejemplos de análisis (*Ad Marciam de Consolatione; Glaucias Atedii Melioris delicatus (Silu. 2,1)*)» (p. 129-190); e 7. *La Consolatio ad Liuiam*: texto pluri-isotópico» (p. 191-236). Notável é, neste sentido, a capacidade de integrar conteúdos, transformando-os em proposta textual e ordenando-os, segundo as diferentes finalidades, dentro de princípios e critérios rigorosos, que abonam ao mesmo tempo da criatividade do seu autor.

Por último, a preceder uma vasta bibliografia especializada e actualizada (p. 251-258), surge um elucidativo capítulo de Conclusões (237-249) que confirmam o valor científico deste estudo. Estas decorrem da aplicação de um método de desconstrução das unidades textuais mais significativas, que leva à construção de um modelo que permite sistematizar os elementos constantes e os rasgos caracterizadores do texto das Consolações latinas e permite ainda distingui-las na sua especificidade.

Numa palavra, uma obra que apresenta, de um modo atractivo, um modelo de análise formal, na área da filologia latina, extensivo a outros géneros literários, e que pode servir de referência a futuros investigadores.

NAIR SOARES

BRANDÃO, Jacyntho Lins, *A poética do Hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 369 p. ISBN: 85-7041-222-3.

A nossa recensão da proveitosa *Poética do Hipocentauro* chega oito anos após a excelente, minuciosa e propedêutica análise da Doutora Maria

Fernanda Brasete publicada na *Revista Ágora*, nº 5, 2003 e, por este motivo, escusamos de repetir os dados ali contemplados mediante os quais se podem apreciar o percurso do autor, a estrutura do volume e sua divisão em partes.

A renovada apreciação que empreendemos objetiva, contudo, outros aspectos de um livro que, passados dez anos de publicação, continua como referência utilíssima para os estudos de Luciano de Samósata e para a teorização da prática literária em geral.

De fato, o que mantém a frequente indicação, recomendação e consulta do volume é sua amplitude teórica, oriunda de uma habilidade no trato com dados numerosos, épocas variadas da antiguidade e com a multiplicidade de assuntos, gêneros e abordagens da produção do autor contemplado.

Sistematizador inigualável, o professor Jacyntho Lins Brandão, da Universidade Federal de Minas Gerais, parece ter alcançado o cerne das críticas luciânicas, sejam as que faz o próprio escritor *pós-clássico* ou *pós-antigo* (expressões forjadas nas bigornas acadêmicas do próprio Jacyntho Brandão e de Marcus Vinícius de Freitas - cf. pp. 12, 275) ao se debruçar sobre a literatura grega de então, sejam aquelas que surgem para nós, por meio da leitura desse sírio marginal, na (pós)modernidade.

Destacando o caráter vanguardista de um escritor antes relegado à marginalidade e atualmente devidamente reconhecido, Brandão, n' *A poética do Hipocentauro*, esta primeira de suas muitas obras teóricas de fôlego, revela sua admirável capacidade de organização, a qual se consolida em livros posteriores – *Helleniká: introdução ao grego antigo* (1ª ed. 2005, 2ª ed. 2009), *Antiga Musa: arqueologia da ficção* (2005), *A invenção do romance* (2005) e a mais recente de suas publicações, a tradução, em edição bilíngue com introdução e apêndices do *Como se deve escrever a história* (2009), acompanhados do ensaio “Luciano e a história”.

Focalizaremos aqui somente a obra que abre com chave de ouro os estudos de Luciano no Brasil. Trata-se de uma pesquisa calcada em sólido estudo da produção de Luciano e que, tangencialmente, é verdade, aponta para boas indicações sobre a recepção deste autor do passado através dos tempos.

O samosatense acabou por se tornar um prosador cujo *lógos*, datado como do século II d.C., vem sendo retomado por grandes autores, entre eles, Machado de Assis, particularmente importante para os estudos da literatura brasileira e, no vosso lado português, no *corpus* do nada menor Eça de Queiroz e ainda do magnífico Gil Vicente. Dessa forma, o livro se

mostra útil não só para helenistas e latinistas, mas para todos que se ocupam da teoria da literatura.

Jacyntho Lins propõe, como princípio norteador dos escritos do sábio helenizado, uma espécie de poética que poderíamos definir pela expressão *ákratos eleuthería* (p. 41, 44, 49, 269, 270), a liberdade plena ou irrestrita do poeta que, de resto, se adequa bem ao renascimento da *Segunda Sofística*.

Sem dúvida postular a *ákratos eleuthería* (a capacidade do poeta para criar “coisas que não existiram nem existirão jamais”, p. 49) como princípio norteador para um escritor “inquieto, cáustico, deslocado, colonizado, que deixa sua própria pátria, sua língua e sua cultura por amor à Grécia, sem todavia nunca sentir-se totalmente grego” (p. 11) leva o investigador, naturalmente, a discutir a complexidade gerada por toda essa liberdade de pensamento no conjunto dos escritos luciânicos, os quais, estabelecidos como “leituras deslocadas” (p. 12) do mundo grego, tratam de questões como “identidade e alteridade”, “verdade e ficção”, “estilo e gênero literário” de forma surpreendente.

A magnitude do estilo de Luciano se torna ferramenta poderosa na mão do crítico mineiro que, arguto, observa a problemática da teoria dos gêneros literários, da mistura deles – e da comicidade que gera essa mistura (p. 36, 276, nota 20) – a qual, segundo Brandão, apoiado em Korus, “é parte integrante” (p. 37) da poética de Luciano. Nesse aspecto, o olhar contemporâneo do acadêmico detecta uma poética que se propõe a lidar com a quebra de fronteiras encarando nisso desafios e novas perspectivas teóricas para os estudos literários hoje, que debate as margens, o hibridismo, os trânsitos culturais, as identidades, o esfacelamento de noções como nação e povo, o questionamento da palavra totalizadora.

Nessa abordagem, Luciano é um autor que responde às questões atuais para a teoria da literatura, tais como a assunção de um *lógos pseûdos*, *ápolis*, *kosmopolítes* e *terpnón*; *lógos* do próprio e do senso comum (*tà koinà phroneîn*, p. 63) e do outro (do *állo ti*, p. 63), da diferença, da minoria, um *lógos* “verdadeiro enlouquecido” (p. 270). E, indiscutivelmente, podemos afirmar que o *lógos* representado na escrita e nas reflexões do estrangeiro educado em Roma e apaixonado pela Grécia de um tempo que não mais existia é um tema que move a literatura dos nossos dias.

Acrescentemos ainda a atenção dada para a desconstrução de todo *um skhémata philosóphon* (p. 60) – quase renunciando a nossa filosofia contemporânea – na obra e no pensamento luciânico, chegando aos

requisitos da problematização do discurso como coisa (p. 68-72), o que muito recentemente problematiza o teórico e crítico alemão Hans Ulrich Gumbrecht em seu *Produção de Presença* (a tradução brasileira é datada de 2010).

Assim, os leitores já devem ter percebido que nossa recensão visa mais a apontar a atualidade do *corpus lucianum* e da análise de Lins Brandão do que apresentar a estruturação da pesquisa registrada na *Poética do Hipocentauro*. Nossa resenha procura sobretudo realçar a capacidade de lidar com o diferente, com a *xeniteia*, a cultura, a identidade construída e desconstruída, a capacidade de recriar, de fugir do cânone para manter o cânone então renovado, de se apropriar da tradição poética antiga para pensar o presente método que conduz a ambos, Luciano de Samósata e Jacyntho de Belo Horizonte, procedimentos absolutamente imprescindíveis no nosso tempo.

Sem dúvida o livro nos ensina a praticar o “movimento que submete tudo e todos ao olhar do outro, deslocando perspectivas” (p. 204), instaurando crises (p. 269) para o exercício da *alotropia* que fortalece o relacionamento humano e o bom humor diante dos problemas inevitáveis.

Investigando a produção de Luciano, o professor também alcançou não só circular pelas letras clássicas como pelas propostas mais recentes de pensadores como Adorno, Arendt, Bakhtin, Barthes, Bergson, Jauss, Jozef, Kristeva, Perrone-Moisés, Sartre, entre outros, aproveitando seus contributos e discutindo-as, em linguagem clara “e tão facilmente como o sol por uma vidraça”, para retomar Eça em *A Cidade e as Serras*. Pela transliteração cuidadosa, ele franqueia todo um mundo de conhecimentos a leitores de todas as áreas, não hesitando em recorrer a poéticas várias, de Adorno a Xenofonte, passando por Cervantes.

Além de todas essas velhas novidades teóricas, Brandão oferece 75 páginas de notas explicativas e informativas para seu leitor. Resta dizer que o livro foi indicado, na época de seu lançamento, para compor – entre cerca dos 1700 títulos inscritos, os 10 finalistas do prestigioso *Prêmio Jabuti* (em sua 44ª edição) na categoria teoria literária e linguística. É o reconhecimento óbvio de que os estudos clássicos têm pertinência ainda agora, ensinam a compreender o mundo e conferem a certeza de que um bom leitor será sempre um viajante aparelhado para os mais distantes percursos.

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA
MANUELA RIBEIRO BARBOSA